

Episódio 1: “Porque a informação é um bem de primeira necessidade”

[mix de ruídos introdutórios]

Pedro Portela [apresentador]: Estados do Tempo. Porque a informação é um bem de primeira necessidade.

Olá, bem-vindos a este episódio inaugural do Estados do Tempo, um podcast das plataformas Communitas e BIP, Barómetro para a Qualidade da Informação. Neste primeiro episódio, vamos ter uma conversa moderada por Luís Miguel Loureiro.

Luís Miguel Loureiro [moderador]: Uma delas é este podcast, é esta forma de comunicação também com os públicos, não apenas públicos científicos, mas também públicos em geral, públicos sociais, chamemos-lhe assim.

Pedro Portela: Ele é docente do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, também é membro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e, ainda, membro do BIP. É a ele que cabe o papel de moderar uma conversa com Inês Mendes e Tiago Estêvão. Ambos se doutoraram na segunda quinzena de outubro de 2024. A partir das suas investigações, a reflexão incide sobre os modos como o tempo e o medo se entrelaçam com a produção e receção de informação e o que isso nos diz sobre a qualidade do jornalismo contemporâneo. Eis a Inês Mendes:

Inês Mendes [convidada]: Eu acho que é uma questão completamente estruturante e essencial.

Pedro Portela: Sobre ela podemos dizer que estudou as relações entre o tempo e a informação. Quanto ao Tiago Estêvão:

Tiago Estêvão [convidado]: Calhou nessa altura eu estar a estudar as áreas do pânico moral, portanto, andava por ali... a sociedade de risco, e tudo aquilo me trouxe memórias passadas e tudo aquilo me deu ali uma ênfase para avançar.

Pedro Portela: Sobre o Tiago, podemos dizer-vos que estudou as relações entre o medo e a informação. É com eles que vamos passar boa parte do tempo deste episódio inaugural do Estados do Tempo, mas, antes disso, ouçamos algo que umas estudantes de 10º, 11º e 12º nos têm a dizer, elas que passaram pelo verão no campus da Universidade do Minho e que serve também de mote para a conversa deste episódio.

Estudante 1: Eu costumo ver à noite o telejornal e as notícias e é mais por aí.

Estudante 2: Eu tento manter-me informada, mas às vezes, no meio dos trabalhos, pesquiso mais.

Estudante 3: Eu tento ver as notícias todos os dias para ver o que é que se está a passar no mundo, principalmente no mundo instável que vivemos hoje em dia, e gosto muito de estar consciente das coisas que acontecem à minha volta, porque sei que isso é o primeiro passo para haver mudança e podermos começar algo novo, algo melhor.

Estudante 4: Também utilizo bastante o Instagram, onde me aparecem as publicações e depois, quando é uma notícia que me interessa mais, vou ao site e procuro saber mais acerca da notícia.

Estudante 5: O principal é termos os factos verdadeiros sobre tudo o que se passa à nossa volta e termos a capacidade de ter um espírito crítico. E, independentemente das opiniões dos outros, que devemos, sim, ouvi-las e respeitá-las, construir a nossa própria opinião de acordo com a pessoa que nós somos.

Estudante 6: Na escola acabam por dar esse tipo de informação, mas não entram muito em pormenor. Mas consegui aprender muito com a escola, na questão da segurança da informação.

Pedro Portela: Vamos então à conversa moderada por Luís Miguel Loureiro, com Inês Mendes e Tiago Estêvão.

Luís Miguel Loureiro: Ora, cá estamos. Cá estamos então para o Estados do Tempo. O Estados do Tempo é um podcast, a partir de agora, um podcast conjunto de duas plataformas do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Um podcast da plataforma BIP, Barómetro para a Qualidade da Informação, e da plataforma Communitas, um *think tank* que também pensa acerca do tempo e dos tempos. Ora,

acerca do estado ou dos estados dos tempos, convém dizermos que essa é uma preocupação, obviamente, desde logo, da equipa que é responsável por abrir as hostilidades neste podcast, que é a equipa do BIP, a equipa do Barómetro para a Qualidade da Informação. Ora, o BIP é o quê? O BIP é um projeto que, para o público, é absolutamente novo, está em lançamento a partir, deste mês de setembro, nos ambientes digitais, na internet. O BIP é, no entanto, obviamente, um projeto que, sendo um projeto académico, já vem sendo preparado há vários anos. E é importante, antes de mais, nós falarmos deste historial preparatório do BIP, que é, no fundo, a razão de sermos também os primeiros a iniciar este podcast, o Estados do Tempo.

O BIP nasceu, há alguns anos, como proposta da direção do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, como um projeto em que se pretende, basicamente, que haja um diálogo entre a ciência e o público acerca das perceções que vamos tendo sobre a qualidade da informação que recebemos. Ora, a qualidade da informação é uma coisa muito complexa, é um contexto e um conceito que remete para bastantes dimensões, muitas dimensões. Nós pensamos logo na dimensão jornalística, claro, porque é aquela que mais imediatamente nos entra pelos olhos adentro, pela casa adentro, etc. Invade-nos, completamente, o nosso espaço privado, mas, de facto, há outras formas de informação que são igualmente importantes e, às vezes, até, provavelmente, mais importantes. E, nesse sentido, são essas diversas dimensões que o BIP se propõe, a partir de agora, medir, de algum modo... é um barómetro, pretende medir, a partir de um conjunto de metodologias que foram sendo trabalhadas ao longo destes anos em que estivemos, digamos assim, em silêncio, um silêncio preparatório, um silêncio de trabalho, antes de fazermos o lançamento público do projeto. O BIP, a partir de agora, então, lançado publicamente, baseia-se num conjunto de metodologias que estão disponíveis para o público consultar num e-book, num livro eletrónico que está disponível na nossa página do próprio projeto, o BIP, e disponível a partir da página do CECS, do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Então, este e-book, “Avaliar a Qualidade da Informação: Um Referencial Teórico-Metodológico”, permite a cientistas e não-cientistas perceber exatamente aquilo que nós pretendemos fazer. E aquilo que pretendemos fazer é um conjunto de coisas. Uma delas é este podcast. É esta forma de comunicação, também, com os públicos. Não apenas públicos científicos, mas também públicos em geral, públicos sociais, chamemos-lhe assim.

Ora, para isso, nós, de facto, vamos ter aqui uma série de intervenções, intercaladas com a plataforma Communitas. E, portanto, de dois em dois meses, mais ou menos, aqui estaremos para conversar sobre problemáticas da qualidade da informação. Para este primeiro episódio, o que é que nós decidimos fazer? Decidimos chamar membros da equipa do BIP, os membros da equipa do BIP que há menos tempo fizeram o seu doutoramento. Para uma pessoa que não perceba muito destas questões de ciência, pensa, vão chamar os juniores. Não. Não. Quem está há menos tempo, quem fez há menos tempo o seu doutoramento, é quem sabe mais sobre os seus assuntos. Porque? Porque as coisas estão tão frescas e não há, de facto, investigações mais aprofundadas que nós, hoje em dia, possamos fazer, por causa, desde logo, de uma das coisas de que vamos falar, que é o tempo, do que a investigação de doutoramento. São anos e anos a investigar um problema. E eu tenho à minha frente dois colegas do BIP, a Inês Mendes e o Tiago Estêvão, que passaram anos e anos a investigar um problema, cada um deles um problema, e defenderam as suas teses na mesma semana. Foi fantástico. De um momento para o outro, a equipa do BIP ganhou dois doutorados, dois novos doutorados, pessoas que são hoje especialistas. Na área a que se dedicaram durante esses anos de investigação.

A Inês dedicou-se, basicamente, ao tempo. Ao tempo no jornalismo. Ao *slow journalism*. Ela perguntou-se até que ponto é que, de facto, o *slow journalism* é uma resposta aos desafios do jornalismo do nosso tempo, quando andamos todos, de facto, muito preocupados com o que se passa com o jornalismo. Mas o Tiago Estêvão também fez questões relativas à qualidade do jornalismo e à qualidade da informação pública que o jornalismo produz, nomeadamente, a qualidade relativa às questões da insegurança, do medo, do terrorismo, partindo de casos de informação sobre terrorismo. E, portanto, é sobre estas temáticas que nós vamos incidir a nossa conversa de hoje, com ambos, que eu, desde já, saúdo. Muito obrigado por virem ao Estados do Tempo.

Inês, como é que tu olhas, hoje em dia, então, para a articulação entre a questão do tempo que tu abordaste? E as questões que o BIP quer abordar, nestas diversas dimensões da qualidade da informação?

Inês Mendes: Eu acho... Antes de mais, olá a todos. Eu acho que é uma questão completamente estruturante e essencial, porque é no tempo que alavancamos tudo

aquilo que são as rotinas de produção, não só da informação jornalística, mas também da informação pública e da informação nos mais diferentes... setores sociais. E, não havendo tempo, haverá um empobrecimento da qualidade da informação, na medida em que não será produzida com as fases e as etapas necessárias a que exista essa mesma qualidade.

Luís Miguel Loureiro: Como calculam, falarmos do tempo é sempre atual. Falarmos do tempo é sempre atual. Aliás, não é por acaso que este podcast se chama Estados do Tempo. Não é? Os Estados... Como é que tu avalias os estados do tempo na comunicação, no jornalismo neste momento, na informação? Na informação que chega às pessoas?

Inês Mendes: É um estado complicado [risos]. É um estado complicado.

Luís Miguel Loureiro: É como aqueles Estados das redes sociais. É complicado.

Inês Mendes: É complicado. É difícil. Não, é muito complicado, porque quando pensamos no tempo, e neste momento estamos aqui a falar de tempo e de qualidade da informação, e temos... Em geral, levamos o olhar para a produção de jornalismo ou para a produção de informação, ou seja, para o contexto de produção. E, na verdade, quando pensamos nas questões temporais e nas questões de informação, temos também que pensar no tempo de receção, no tempo que os públicos têm, que as pessoas que recebem a informação têm. E, neste momento, há muita falta de tempo. Nós vivemos numa sociedade sem tempo, não é? Corremos para todo lado. O que mais ouvimos são aquelas expressões: não tenho tempo, tenho que me despachar, tenho que ser rápido, tenho que ir...

Luís Miguel Loureiro: Tempo é dinheiro.

Inês Mendes: Tempo é dinheiro.

Luís Miguel Loureiro: Ou seja, significa que não ter tempo é não ter dinheiro, não é?

Inês Mendes: Exatamente. E o tempo é...

Luís Miguel Loureiro: Ou não ter a possibilidade de produzir dinheiro, ou seja, não monetizar o tempo.

Inês Mendes: Sim, e é uma questão essencial também, exatamente, ao financiamento, por exemplo, das instituições jornalísticas, não é? As questões do tempo e a pressão temporal que os jornalistas sentem advêm muito, não só, mas também, da pressão do financiamento, não é? Porque têm que ser rápidos, porque têm que justificar os investimentos e mesmo, no meu caso, no estudo que eu conduzi, deu para perceber que mesmo redações que trabalham com mais tempo, como redações que trabalham com *slow journalism*...

Luís Miguel Loureiro: Tu estudaste os casos do Fumaça e do Tortoise, não é?

Inês Mendes: Do Tortoise, exatamente. E, por exemplo, no caso do Fumaça, os jornalistas que eu tive a oportunidade de entrevistar, foi possível perceber que, de facto, existe pressão temporal na mesma, muito associada a questões de financiamento, não é? Porque tem que se justificar o investimento que as pessoas fazem. E, no caso deles, eles são financiados de diversas formas, nomeadamente por contribuições dos públicos, por bolsas de jornalismo, e têm que justificar esse investimento. E depois também se torna muito complicado estar muito tempo sem publicar, eles muitas vezes estão meses ou mesmo anos sem publicar, e manter as pessoas com eles, a acompanhá-los e a continuarem a financiar. Ou seja, no fundo, o tempo está representado horizontalmente numa redação e em qualquer contexto de produção de informação, não é? Acho que não estarei a dizer uma asneira dizendo isso. Porque, de facto, o tempo tem muita influência, não só na questão da produção da informação, da receção da informação, mas também, lá está, do financiamento da informação.

Luís Miguel Loureiro: Exatamente. Pois é, é quase uma pescadinha de rabo na boca. A Inês Mendes terminou o seu doutoramento na Universidade do Minho, portanto,

terminou aqui connosco. O Tiago Estêvão foi contratado [risos]. É uma adição que vem do ISCTE. Temos que agradecer ao ISCTE. De facto, temos aqui um jogador top. Fomos buscar um ponta de lança. Tiago Estêvão, tu estiveste, de facto, vários anos, porque vens de lá de baixo, como aqui se diz, em Braga, ou no Norte. Vens lá de baixo, vieste trabalhar aqui para Braga e, sorte da equipa do BIP, quiseste logo integrar os nossos trabalhos. Porque também o teu trabalho tem uma relação com a qualidade da informação. É fundamental hoje em dia. E nós, quando eu falo de medo, insegurança, as pessoas pegam nos teus estudos, naquilo que tu estudaste, do terrorismo, etc., lembram-se dos casos de Charlie Hebdo, do Bataclan, etc., etc. Grandes casos que, há 10 anos, nos ocupavam os noticiários. Mas, entretanto, não faltaram casos que nos instigassem medo, insegurança: a pandemia, as guerras. Portanto, nada nos falta na área que tu tens andado a estudar, não é?

Tiago Estêvão: Sim. Começo por saudar todos os presentes. Efetivamente, é isso. Calhou na altura em que eu estava a fazer o meu doutoramento, acontecerem os acontecimentos do Charlie Hebdo. Posteriormente, os do Bataclan, em Paris, e meses a seguir surgirem os acontecimentos de Bruxelas. Calhou nessa altura eu estar a estudar, ainda num outro grau, a nível de mestrado, áreas do pânico moral. Portanto, andava por ali, a sociedade de risco. E tudo aquilo me trouxe memórias passadas e tudo aquilo me deu ali uma ênfase para avançar. Calhou, como disse, acontecer estes casos de terrorismo, mas a minha ideia inicial não era estudar o terrorismo, era estudar o medo. Anos mais tarde, surgiu a pandemia e tudo isto poderia ter sido, esta tese poderia, em vez de ter sido direcionada para terrorismo, poderia ter sido totalmente direcionada para pandemias, para o COVID. Atualmente, tivemos há pouco tempo situações de medo do nuclear. Portanto, todas estas situações, os conflitos que temos hoje em dia eram totalmente adaptáveis à minha investigação. Mas, essencialmente, o mote aqui foi estudar o medo e como é que os média, não só a televisão, mas também a rádio, a imprensa e também as plataformas digitais. Plataformas digitais estamos a falar... não plataformas digitais, mas os média que estão digitalmente expressos. Como é que eles, através do seu enquadramento, através da forma como eles arranjam uma narrativa, como é que eles difundem o medo nas populações? Pronto, essencialmente foi tentar perceber, tendo dois estudos de caso, que era o estudo de caso dos atentados de Paris,

de outubro, e os atentados... Os atentados de março de 2015 e de 2016, em Bruxelas, eram estes atentados que... foram os meus estudos de caso a nível de investigação. E foi por aqui que a coisa foi...

Luís Miguel Loureiro: Mas tu, de facto, foi a partir dessas chaves que tu acabaste por encontrar para analisar esses casos, para já tu acabaste por ir ao encontro do jornalismo, como é óbvio, da informação pública, da interseção entre jornalismo e informação pública e perceção pública dos problemas, não é? A questão aqui é, de facto... Tu, ao ires a esse encontro, o que é que percebeste da importância da comunicação pública nas perceções das pessoas? E, portanto, até que ponto é que, de facto, os média, quer sejam os média informativos, quer todo o tipo de média, o cinema, a comunicação política, os média dos próprios órgãos de poder, etc., como é que isto, de facto, condiciona as nossas perceções? E se, no fundo, tudo isto, de facto, tem uma atualidade, não é? Tem uma atualidade. Eu já percebi que muito provavelmente sim, mas gostaria de te ouvir.

Tiago Estêvão: Sim. Aqui no meio disto tudo surge uma evidência que é: os média acabam por ter uma implicação muito grande nas opiniões das pessoas. Isto foi, essencialmente, esta foi a minha... A minha tese, portanto, a minha pergunta de investigação era logo tentar perceber como é que os média tinham... qual era o papel deles, se era preponderante ou não, e, efetivamente, verificou-se que era um papel preponderante. Pronto. Podemos dizer que não só os média têm um papel importante, mas existem uma série de outras entidades, e é interessante perceber qual é que é a motivação. Se calhar, estou-me a antecipar, se calhar, a perguntas futuras, mas qual é que é a motivação... A motivação para este alinhamento, porque o enquadramento adotado pelos média no fomento do medo tem todo ele uma razão de ser. Portanto, podemos partir de um pressuposto que é...

Luís Miguel Loureiro: E desculpa interromper-te. A Inês, há pouco, falava da articulação entre o capitalismo e o tempo na informação. Estarás a falar também de uma articulação do capitalismo com, nomeadamente, as audiências?

Tiago Estêvão: Exatamente. Era isso que eu ia pegar. Eu ia pegar por aí. Eu ia pegar... existe uma concorrência muito grande entre meios, atualmente, como sempre existiu, mas atualmente ainda mais aguerrida. E é um pouco o que a Inês dizia há pouco. Portanto, o tempo de informar é cada vez mais pouco, segundo os média. Cada vez mais se verifica pouco os factos. As fontes não são, muitas vezes, credíveis, nem interessa torná-las credíveis. E, muitas vezes, esta rapidez com que a informação é dada é o mote atual do jornalismo. Para além destas questões da concorrência, poderá... só um pequeno à parte. O medo sempre foi, academicamente, defendido por uma série... Isto só puxando aqui um bocadinho, não vou puxar por referências. Não vou... Não vou ser... Não vou ser embaçador a esse ponto.

Luís Miguel Loureiro: Não vai ser preciso termos referências bibliográficas no final do programa [risos].

Tiago Estêvão: Mas o medo sempre foi apontado como o principal, ou dos principais, espoletadores de audiências. Havia dois, ou há dois. Um deles é o sexo. Tudo o que tenha sexo espoleta interesse. E o outro é o medo. Eu se vir uma situação na televisão de alguém a ser assassinado, alguém a fugir, seja... Tudo... Logo que os média visuais, mais os visuais, se aperceberam da riqueza que é tornar o medo uma ferramenta, apropriaram-se essa ferramenta. Pronto. E isto pode ter razões concorrenciais. Quanto mais medo o meu canal colocar na televisão, mais pessoas vão ver porque é muito atraente. Mas poderá ter razões também, e poderemos falar disso mais tarde, políticas. Porque os média... Muitas vezes são apropriados por uma classe governativa. E o medo é uma forma de controlar as populações.

Luís Miguel Loureiro: Exatamente. Ora bem. Medo. Medo e tempo. Tanto um como o outro apontam, digamos, para conclusões, nos vossos estudos, que, de algum modo, nos levam a pensar... epá, cientificamente nós já sabemos disto. Já sabemos disto. Já sabemos que as coisas são assim. Então porquê é que as coisas continuam a ser assim? Ou seja, de facto, parece que existe aqui... No fundo, qual é a nossa missão como cientistas neste sentido? Será alterarmos, ao descobrirmos e ao comprovarmos, ao fornecermos provas e evidências de que é assim, de facto... De que o medo é

monetizado. De que o tempo também é dinheiro. De que a informação piora porque obedece a esse tipo de critérios. De que a informação pública é pior. Que a qualidade se perde sempre que entramos nesse tipo de mecanismos. Mas que esses mecanismos continuam sempre a funcionar. E, portanto, o que é que vocês consideram ser a transferência fundamental do vosso trabalho para a sociedade? É conseguir mudar este estado de coisas? Vocês pretendem conseguir mudar este estado de coisas? Ou, de facto, a nossa missão é consciencializar, levar as pessoas a ter uma perspetiva um pouco mais crítica, e, portanto, ser através da cidadania que estas coisas se possam mudar? O que é que vos parece? Inês? [risos] A Inês estava a passar.

Inês Mendes: É assim. Não, tudo bem.

Luís Miguel Loureiro: Está sempre tudo bem. A pergunta não é assim tão difícil, acho eu.

Inês Mendes: Eu acho que, neste momento, a nível científico, acho que a nossa maior expectativa, pelo menos a minha é, é consciencializar, é considerar os públicos, os académicos e os profissionais, não é? Porque acho que ainda estamos mergulhados numa sociedade muito veloz, muito rápida, muito imediata. E acho que, enquanto seres humanos, a nível geral, temos uma síndrome muito grande por aquilo que é novo e aquilo que... que aconteceu agora, e agora, e agora? E, portanto, acho que mudar o paradigma é muito complicado. Acho que consciencializar...

Luís Miguel Loureiro: Pelo menos mudar o paradigma apenas a partir do conhecimento científico. Porque a ciência tem um bocadinho este mito, vive à volta deste mito, de que as descobertas científicas alteram... têm um efeito imediato nas sociedades. Nós vivemos um bocadinho... mas as ciências sociais têm outra lógica.

Inês Mendes: Eu acho que precisamos de tempo [risos].

Luís Miguel Loureiro: Primeiro precisamos de nos conhecer a nós próprios. E precisamos de tempo.

Inês Mendes: Precisamos de tempo para que essas mudanças ocorram. Acho que não é nada que se possa mudar de um dia para o outro. Porque, lá está, se vivemos neste contexto de informação rápida e constante, e a todos os momentos somos bombardeados com mais informação, que depois temos muita dificuldade em consumir, e não conseguimos chegar ao fim de um assunto, e a informação torna-se obsoleta constantemente, porque há sempre qualquer coisa nova a acontecer a seguir. Isso faz com que, não só seja difícil mudar dentro da produção da informação, mas também na receção da informação. E acho que, neste momento, o objetivo, lá está, estou a falar no meu caso, era estruturar essa consciencialização e alertar para esse estado de coisas e também para o facto de que, de facto, é possível mudar. E não parece, por exemplo, a nível de informação. Há informação que tem que ser rápida, efetivamente, não só a nível jornalístico, mas institucional também, não é? Por exemplo, no caso, estavam a falar há pouco da pandemia, há informação que tem que ser rápida, as pessoas têm que saber. No entanto, também é preciso ter algum cuidado na divulgação dessa informação, porque, uma vez mais, por exemplo, na pandemia, divulgava-se informação tão rápida que, na hora seguinte, era contrariada. E acho que, depois, gera-se confusão, não é? Depois as pessoas já não sabem bem que informação é... Afinal, o que é que é verdade? O que é que eu devo seguir? E é preciso tempo para pensar. Não só para as pessoas produzirem a informação conseguindo pensar nela, mas também para as pessoas que a recebem conseguirem pensar sobre o assunto e serem críticas e raciocinar. E acho que, nesse sentido, acho que é importante também perceber que existem outras formas de fazer e que uma não anula a outra. Há um balanço, não é? Há uma forma de produzir informação lenta, há informação que tem que ser rápida e acho que é uma lógica de complementaridade que podemos almejar.

Luís Miguel Loureiro: Tiago, eu estava a pensar naquilo que a Inês estava a dizer e estava a vir-me esta ideia à cabeça. A partir do momento em que nós estamos sob a ditadura do tempo, de facto, em todos os domínios da informação, até que ponto é que nós, como cidadãos, e isto tem a ver com a tal consciencialização ou com a falta de consciência das pessoas, e, portanto, a necessidade de cientificamente se transferir este conhecimento para os públicos... Até que ponto é que as pessoas têm consciência de

que uma informação demasiado rápida pode ser uma informação que também as manipule de algum modo? Ou seja, mesmo que não seja informação totalmente falsa. Nós aqui já estamos a entrar, obviamente, nos terrenos da desinformação, etc. Mas, de facto, esta voracidade da informação na criação de climas de medo, de insegurança, na criação que depois tem esses efeitos que tu estudaste... na própria criação do efeito de uma informação volátil, da informação que não tem valor, que uma notícia que é contradita logo a seguir, etc. Mas, na verdade, parece que os públicos andam aqui como joguetes de um processo que não controlam também, não é? Ou, se calhar, sendo é controlados por ele. O que é que te parece isto? Faz sentido esta ideia?

Tiago Estêvão: Faz sentido. Faz muito sentido. Faz muito sentido. Uma das constatações que eu tive com a minha investigação foi a simplificação da mensagem cada vez maior. Portanto, atualmente existe uma simplificação da mensagem e da receção. Ela tem de ser rápida, comunicada rapidamente e recebida da mesma forma. Eu considero que... os públicos... As televisões, atualmente... Eu vou cingir-me, se calhar, aqui à televisão, embora tendo estudado outros média, as televisões acabaram por ser aqui o estudo mais paradigmático, porque, tendo estudado... Eu acabei por estudar o quê? Identificava... identifiquei enquadramentos, consegui identificar quais eram os enquadramentos que se sobrepunham a outros numa notícia, e, a partir dali, fazia um estudo destes mesmos enquadramentos. Em relação à rádio, poucos enquadramentos, ou pouco dinâmicos estes enquadramentos eram. Em relação à televisão, havia muita informação. As televisões, hoje em dia, e nos casos em que eu estive a estudar, seguem muito uma lógica das... do que é que... captado por telemóvel. Portanto, muitas das informações eram captadas por telemóvel, de imagens, de... Os conteúdos noticiados eram muitos deles com base em redes sociais, captados por via de telemóveis.

Luís Miguel Loureiro: Em que o critério, basicamente, é logo a imagem. A imagem é o critério fundamental. Existe imagem ou não existe?

Tiago Estêvão: Muitas vezes pouco editada, pouco... credível, muitas vezes. Posteriormente, vem-se a verificar que não é... verdade o que está a ser exposto, mas ela já passou. Portanto, eu dou um exemplo. Eu não queria identificar aqui, porque também fiz entrevistas a jornalistas, mas foi-me dito por uma jornalista com quem falei,

a nível da minha investigação, que muitas vezes é preciso dar notícias. Existe, portanto, um enviado especial que está anunciado onde houve um atentado... existe, por parte das redações, uma obrigação, ou é-lhes imposta uma obrigação, de trazerem algo de novo todos os dias. Portanto, existe uma necessidade...

Luís Miguel Loureiro: E se for só todos os dias, não é? Quando não é a toda hora.

Tiago Estêvão: A toda a hora. Muitas vezes temos noticiários de três horas a falar, e eu tenho isso documentado, três horas a falar sobre um atentado. Portanto, é preciso arranjar conteúdos para aquilo. E muitos conteúdos são verdadeiros, são credíveis, outros são coisas que mais tarde se vai verificar que não são credíveis. Eu gostaria de pegar, se me permites, aqui um bocadinho na questão que tu fizeste à Inês, que era... Eu vejo a alteração e o futuro disto tudo, em relação à minha área de estudo, de duas formas muito importantes. De duas, três formas. Uma primeira tem a ver com uma incidência numa formação junto aos média. Ok? Que passa por torná-los mais conscientes, menos sensacionalistas. Eu sei que é muito complicado, e uma das questões que eu foquei foi: é possível tornar as televisões, ou tornar o medo não utilizado pelos média? Ser uma ferramenta dos média? Não, não é possível. É demasiado apetecível, assim como o sexo, que eu falei há pouco, porque é uma temática muito acarinhada pelos públicos. Portanto, acaba por ser sempre muito atraente. Portanto, é tornar pelo menos os média, e os entrevistados jornalistas com quem eu falei... todos eles assumiram que havia da parte deles comportamentos que poderiam ser melhorados. Portanto, é pegar nesses comportamentos, tornar as redações...

Luís Miguel Loureiro: Mais conscientes.

Tiago Estêvão: ... mais conscientes e éticas, vamos-lhe chamar assim, e é um pouco por ali. Em relação às próprias redações e ao jornalismo em si. Na cobertura do terrorismo, e eu não me quero alongar nessa parte, existe mesmo um guia das Nações Unidas, só a nível de... título de exemplo, que trata mesmo como é que os jornalistas devem reportar uma situação de terrorismo. E eu, se calhar, até dava aqui um pequeno exemplo, que para mim é paradigmático. Eu não queria avançar com o nome da redação, mas eu

tenho... tenho... tenho comigo dados que... durante quase 400 horas, 400 horas, sim, tenho um discurso, maioritariamente... por parte da comunidade jornalística, um discurso maioritariamente a colocar o terrorismo como base... como tendo uma base ligada à religião islâmica.

Luís Miguel Loureiro: Ao islamismo.

Tiago Estêvão: Ao islamismo.

Luís Miguel Loureiro: Exatamente.

Tiago Estêvão: E é interessante, havendo esta ligação tão direta por parte dos jornalistas, como é que não é chamado, ou raramente é chamado, alguém do lado da comunidade islâmica para contrapor este tipo de argumentos. E é engraçado que eu fiz essa análise. E em tantas horas de cobertura noticiosa, nós apenas temos dois minutos, em que aparece...

Luís Miguel Loureiro: Em 400 horas. Quase 400 horas.

Tiago Estêvão: Temos cerca de dois minutos de...

Luís Miguel Loureiro: De voz dada às comunidades islâmicas.

Tiago Estêvão: ... de voz dada ao Sheik [...], para se pronunciar acerca de algo pelo qual a comunidade estava a ser muitas vezes implicada. Portanto, é preciso dar aqui... tornar o jornalismo e os jornalistas éticos, tornar a visão que têm do mundo não tão simplista, torná-la mais ampla. Portanto, é preciso ter aqui uma abrangência maior a nível das vozes que queremos ouvir. Depois, para além do... da personagem jornalismo-jornalista, temos a personagem academia. Porque a academia deve investir nos estudos do meio. Há muita gente já a fazê-lo. Os estudos do terrorismo, pelos quais eu também estive associado, muitos deles têm uma visão muito... Eu vou-lhe chamar pouco crítica em

relação ao terrorismo. Já existem estudos críticos relativos ao terrorismo. Fazem um trabalho digno e louvável, mas é preciso incentivar.

Luís Miguel Loureiro: É importante desde logo dizer que quem pertence à área das ciências sociais e das ciências da linguagem, etc., que o próprio termo terrorismo deve ser questionado. Ou seja, devemos partir de uma questão radical. Quando nós dizemos questão radical, é ir à raiz do problema. E a raiz do problema, muitas vezes, está logo na qualificação de algo como. E, portanto, é no fundo dessa... Penso eu que é dessa crítica que tu estás a falar.

Tiago Estêvão: É isso mesmo.

Luís Miguel Loureiro: Ora bem, Tiago Estêvão, Inês Mendes, o nosso tempo passou muito, muito depressa. Eu gostava apenas de, antes de passar a palavra para o Pedro Portela, que vai encerrar, como, sempre fará o Estados do Tempo, dizer que... para chamar a atenção do nosso público, o nosso público inaugural, agradecer o facto de terem estado por aí este bocadinho connosco, e esperar também que fiquem atentos ao nosso trabalho, ao trabalho do BIP, do Barómetro para a Qualidade de Informação. Já perceberam que há aqui muitas problemáticas que nós vamos tratar, e de forma muito atenta. Estas são problemáticas transversais, obviamente, e transversais à vida social, e isso é muito importante, penso eu, para as pessoas, não apenas para os académicos. E, portanto, desde já agradecer às pessoas a atenção. Dizer-lhes uma coisa, está aberta no site do BIP, b-info.pt... Eu penso que vai ser este o endereço que vamos ter, porque nós estamos a gravar isto antes do site estar no ar, é importante dizê-lo, as pessoas têm férias, merecem-nas. Mas vai estar uma pergunta disponível, que infelizmente é uma pergunta quase da época, uma pergunta da época, é como a fruta da época, não é? Como avalia a qualidade de informação jornalística sobre os incêndios em Portugal, difundida, portanto, a informação jornalística difundida desde o mês de julho deste ano, portanto, desde o passado mês de julho. É uma pergunta para respostas muito simples, agradecemos a vossa participação também neste inquérito, nós vamos ter sempre perguntas novas, todos os meses, ou pelo menos de dois em dois meses, para depois também podermos tratar aqui no Estados do Tempo. Muito obrigado a

ambos, parabéns pela vossa investigação, e vamos então ver se conseguimos melhorar os Estados do Tempo. Obrigado.

[música]

Pedro Portela: E está assim concluído o primeiro episódio deste podcast, Estados do Tempo, um podcast que contou com a apresentação, edição e pós-produção de Pedro Portela, da plataforma Communitas. Ainda com o registo de Luís Pinto, que gravou a conversa com os três convidados de hoje. O Luís Pinto é membro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Também a curadoria de Tiago Estêvão, do BIP, a moderação do Luís Miguel Loureiro, do BIP, e também como convidados, para além de Tiago e Luís Loureiro, a Inês Mendes, também ela membro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e do BIP. Finalmente, as entrevistas, convém referir, que foram feitas por estudantes participantes no verão do campus da Universidade do Minho. Obrigado, e até aos próximos Estados do Tempo.

[música de encerramento]